

Autora bestseller do New York Times
ROSHANI CHOKSHI

Aru Shah

E O FIM DO TEMPO



NOMEADO
PRÊMIO
goodreads
MELHOR LIVRO
INFANTOLIVENIL

booksmite

*Para as minhas irmãs:
Niv, Victoria, Bismah, Monica e Shraya.
Precisamos mesmo da nossa própria canção de abertura.*



A Aru Shah Vai-te Deixar Sem Palavras

Já alguma vez leste um livro e pensaste, *Uau, quem me dera ter escrito isto!?*

Para mim, *Aru Shah e o Fim do Tempo* é um desses livros. Tem todos os meus ingredientes preferidos: humor, ação, excelentes personagens e, claro, mitologia fantástica! Mas este não é um livro que eu pudesse ter escrito. Não possuo a mestria ou o conhecimento necessários para mergulhar no imenso e incrível mundo da mitologia hindu, e muito menos para o tornar tão divertido e acessível ao leitor.

Felizmente para todos nós, a Roshani Chokshi tem esse dom.

Se não estás muito familiarizado com a mitologia hindu — uau, então, prepara-te! Pensavas que Zeus, Ares e Apolo eram loucos? Espera só até conheceres Hanuman e Urvashi. Achavas que a *Maré Viva* era uma arma espetacular? Repara neste mix de *astras* divinas — bastões, espadas, arcos e redes tecidas com raios. É só escolher. Vais precisar de todas elas. E se achas que a Medusa é assustadora, acredita que isso não é nada quando comparada com a *nagini* e com a *rakshas*. A Aru Shah, uma miúda divertida e inteligente que frequenta o sétimo ano, está prestes a mergulhar no

meio de toda esta loucura. E a sua aventura vai deixar os leitores completamente boquiabertos.

Se já conheces a mitologia hindu, então prepara-te para a mais divertida reunião de família de sempre. Vais encontrar muitas das tuas personagens preferidas — deuses, demónios, monstros, vilões e heróis. Vais subir aos céus e descer até ao Submundo. E independentemente do número de mitos que já conheces, aposto um pacote de pastilhas elásticas em como vais aprender qualquer coisa nova.

Dá para ver que estou animado por partilhar este livro contigo, não dá? Pois estou! Bastante!

Então não percas mais tempo! A Aru Shah está no Museu de Arte e Cultura, onde a sua mãe trabalha. As férias de outono começaram e a Aru tem a certeza de que este será mais um dia aborrecido.

Ui! Ela está TÃO, mas TÃO enganada!



Rick Riordan

(Sou um autor bestseller do New York Times
e adoro escrever livros sobre grandes aventuras)



UM

O Momento em que a Aru se Arrepende de Ter Aberto a Porta

O problema de crescermos rodeados de coisas altamente perigosas é que, passado algum tempo, nos habituamos a elas.

Desde que se lembra, a Aru passara os dias no Museu de Arte e Cultura Indianas. E sabia muito bem que não podia mexer na lâmpada que se encontrava no final da Galeria dos Deuses.

Podia mencionar «a lâmpada da destruição» da mesma forma que um pirata que havia subjugado um monstro marinho podia dizer com indiferença, *Oh, está a falar aqui do velho Ralph?* Contudo, embora estivesse habituada à lâmpada, nunca a acendera. Isso era contra as regras. As mesmas regras que declamava todos os sábados, quando fazia de guia aos visitantes da tarde.

Algumas pessoas podem não apreciar a ideia de trabalharem ao fim de semana, mas para a Aru aquilo não parecia trabalho.

Era uma espécie de cerimónia.

Um segredo.

Vestia o seu elegante colete vermelho com os três botões cor de mel, imitava a voz da mãe, a curadora do museu, e as

peçoas — essa era a melhor parte de todas — *escutavam*. Ninguém desviava o olhar. Principalmente, quando falava da lâmpada amaldiçoada.

Às vezes, achava que esse era o assunto mais fascinante que alguma vez tinha abordado. Uma lâmpada amaldiçoada é um assunto bem mais interessante do que, digamos, uma consulta no dentista. Embora se possa argumentar que ambas são uma maldição.

A Aru vivia há tanto tempo no museu que, para ela, o lugar já não encerrava quaisquer segredos. Crescera a ler e a fazer os trabalhos de casa sob o gigantesco elefante de pedra que guardava a entrada do museu. Era frequente adormecer no auditório e acordar pouco antes da crepitante gravação da visita autoguiada a anunciar que a Índia se tornara independente da Grã-Bretanha em 1947. Tinha até o hábito de esconder um *stock* de doces na boca da estátua de um dragão-marinho com 400 anos (batizara-o de *Steve*), na ala oeste do museu. A Aru sabia tudo o que havia para saber sobre o museu. Exceto uma coisa...

A lâmpada. Essa, em grande parte, permanecia um mistério.

— Não é bem uma lâmpada — dissera a sua mãe, a ilustre curadora e arqueóloga Dra. K. P. Shah, a primeira vez que a mostrara a Aru. — Chamamos-lhe uma *diya*.

A Aru recordava-se de ter pressionado o nariz contra a vitrina, observando o pedaço de argila. No que dizia respeito a objetos amaldiçoados, aquele era, sem dúvida alguma, o mais aborrecido. Tinha a forma de um disco de hóquei que levava um beliscão, e nas bordas viam-se pequenas

marcas semelhantes a dentadas. E, mesmo assim, apesar do aspeto absolutamente normal, até as estátuas que ocupavam a Galeria dos Deuses pareciam curvar-se perante a lâmpada, chegando quase a evitá-la.

— Porque não podemos acendê-la? — perguntara à mãe. Ela não a fitara de volta.

— Às vezes, a luz ilumina coisas que é melhor ficarem na escuridão. Além disso, nunca se sabe quem está a ver.

Bem, a Aru estava a ver. Estivera atenta toda a sua vida.

Todos os dias, depois das aulas, pendurava a mochila na tromba do elefante e corria para a Galeria dos Deuses.

Era a exposição mais popular do museu, composta por uma centena de estátuas de vários deuses hindus. A mãe mandara forrar as paredes com espelhos, de modo a que os visitantes pudessem ver os artefactos de todos os ângulos. Os espelhos eram «vintage» (uma palavra que a Aru utilizara ao fazer uma troca com o Burton Prater: uma moeda esverdeada por dois dólares e meia barra de *Twix*). Graças às árvores-de-Júpiter e dos ulmos que se erguiam no exterior, a luz que entrava na Galeria dos Deuses tinha um aspeto difuso. Quase nebuloso. Como se as estátuas exibissem coroas de luz.

A Aru parava na entrada, o olhar fixo nas suas estátuas preferidas — o deus Indra, o rei dos céus, empunhando um raio; o deus Krishna, a tocar as suas flautas; Buda, sentado em meditação, com as costas muito direitas e as pernas cruzadas —, antes de a sua atenção se desviar, inevitavelmente, para a *diya* na sua vitrina.

Ficava ali parada durante alguns minutos, à espera de alguma coisa... o que quer que fosse que tornasse mais

interessante o dia seguinte na escola, ou que fizesse com que as pessoas percebessem que ela, a Aru Shah, não era apenas mais uma aluna do sétimo ano a arrastar-se pelo terceiro ciclo, mas sim uma pessoa *extraordinária*...

A Aru esperava por magia.

E todos os dias ficava desapontada.

— Façam alguma coisa — sussurrava ela para as estátuas dos deuses. Era segunda-feira de manhã e a Aru continuava de pijama. — Têm tempo de sobra para fazerem uma coisa fantástica, porque estou de férias de outono.

As estátuas não fizeram nada.

Encolheu os ombros e olhou pela janela. As árvores de Atlanta, no estado da Geórgia, ainda não tinham percebido que era outubro. Apenas a metade superior das copas havia ganhado um tom escarlate e dourado, como se alguém as tivesse mergulhado pela metade num balde de fogo e depois voltado a espetá-las no relvado.

Tal como a Aru previra, tudo levava a crer que o dia iria decorrer sem grandes acontecimentos. Esse devia ter sido o seu primeiro aviso. O mundo tem uma certa tendência a enganar as pessoas. Gosta de fazer o dia parecer luminoso e ocioso como mel a escorrer pelo frasco, enquanto espera que estejamos distraídos...

E é nessa altura que ataca.

Momentos antes de soar a campainha da visita guiada, a mãe da Aru andava pelo apartamento de dois quartos ligado ao museu. Parecia estar a ler três livros ao mesmo

tempo, enquanto conversava ao telefone numa língua que soava como um coro de pequenos sinos. A Aru, por outro lado, encontrava-se deitada de cabeça para baixo no sofá, atirando pipocas à mãe, na tentativa de chamar a sua atenção.

— Mãe. Não digas nada se puderes levar-me ao cinema.

A mãe riu-se graciosamente ao telefone. A Aru fez uma careta. Porque não conseguia *ela* rir daquela maneira? Quando ria, era como se estivesse a engasgar-se com o próprio ar.

— Mãe. Não digas nada se pudermos ter um cão. Um Mastim dos Pirenéus. Podemos chamar-lhe *Bóbi!*

Naquele instante, a mãe estava a anuir de olhos fechados, o que significava que estava realmente a prestar atenção. Mas não a ela.

— Mãe. Não digas nada se...

Triiiim!

Triiiim!

Triiiim!

A mãe levantou uma delicada sobancelha e olhou para a Aru. *Tu sabes o que tens de fazer.* E a Aru sabia, de facto, o que tinha de fazer. Só não queria fazê-lo.

Rebolou do sofá e rastejou pelo chão, como se fosse o Homem-Aranha, numa última tentativa de chamar a atenção da mãe. Era uma proeza e tanto, considerando que o chão estava coberto de livros e de canecas ainda com *chai*, o tradicional chá indiano. Olhou para a mãe e viu que apontava qualquer coisa num bloco de notas. De ombros caídos, a Aru abriu a porta e dirigiu-se para as escadas.

As tardes de segunda-feira eram tranquilas, no museu. Nem a Sherrilyn, a chefe de segurança do museu e paciente babysitter da Aru aos fins de semana, trabalhava às segundas. Todos os dias — exceto aos domingos, quando o museu estava fechado —, a Aru ajudava a distribuir panfletos pelos visitantes. Dirigia as pessoas para as diferentes exposições e indicava onde se situavam as casas de banho. Certa vez, tivera até a oportunidade de ralar com uma pessoa quando a viu acariciar o elefante de pedra, que exibia um aviso bem claro de NÃO TOCAR (na cabeça da Aru, o aviso aplicava-se a toda a gente menos a ela).

Às segundas-feiras, habituara-se a esperar os visitantes ocasionais que procuravam um abrigo temporário do mau tempo. Ou pessoas que desejavam expressar a sua preocupação (da forma mais educada possível) por o Museu de Arte e Cultura Indianas venerar o diabo. Ou, às vezes, o carteiro, que precisava de uma assinatura para entregar uma encomenda.

O que ela não esperava ao abrir a porta para dar as boas-vindas aos novos visitantes era que fossem três alunos da Escola Augustus Day. A Aru experimentou aquela estranha sensação que ocorre sempre que o elevador para demasiado depressa. Uma onda de pânico atingiu o seu estômago quando os três alunos a encararam no seu pijama do Homem-Aranha.

A primeira, a Poppy Lopez, cruzou os braços bronzeados e sardentos. Trazia o cabelo castanho apanhado num puxo igual ao das bailarinas. O segundo, o Burton Prater, estendeu a mão, na qual repousava uma moeda horrorosa.

O Burton era um rapaz baixo e pálido, e a camisola às riscas pretas e amarelas fazia com que parecesse uma abelha patética. A terceira, a Arielle Reddy — a rapariga mais gira da turma, com a pele escura e o cabelo preto e lustroso — limitou-se a lançar-lhe um olhar fulminante.

— Eu sabia — declarou a Poppy num tom triunfante. — Disseste a toda a turma de Matemática que ias com a tua mãe passar férias a França.

Isso foi o que a minha mãe me prometeu, pensou a Aru.

No verão anterior, a mãe de Aru havia-se enroscado no sofá, exausta depois de mais uma viagem ao estrangeiro. Mesmo antes de adormecer, apertara o ombro da filha e dissera, «Talvez no outono te leve a Paris. Há um café na margem do rio Sena onde podemos ouvir as estrelas a nascerem antes de dançarem no céu noturno. Iremos às boulangeries e aos museus, tomaremos café em pequenas chávenas e passaremos horas e horas nos jardins.»

Nessa noite, a Aru permanecera acordada a sonhar com ruas estreitas e ziguezagueantes, e com jardins tão elegantes que até as suas flores pareciam altivas. Com essa promessa em mente, a jovem arrumara o quarto e lavara a loiça sem reclamar. E na escola, a promessa transformou-se na sua armadura. Todos os alunos da Augustus Day tinham casas de férias em lugares como as Maldivas ou a Provença, e reclamavam quando os seus iates estavam a ser reparados. A promessa de Paris fizera com que a Aru sentisse que pertencia ali.

Naquele momento, a jovem esforçava-se por não se deixar intimidar pelos olhos azuis da Poppy.

— O museu pediu à minha mãe que fosse numa missão secreta. Não pôde levar-me.

Isso era, em parte, verdadeiro: a mãe nunca a levava nas viagens de trabalho.

O Burton atirou a moeda esverdeada para o chão.

— Enganaste-me. Dei-te dois dólares!

— E recebeste a moeda vintage... — começou por dizer a Aru.

A Arielle interrompeu-a.

— Sabemos que estás a mentir, Aru Shah. É isso que tu és: uma *mentirosa*. E quando a aulas recommencarem, é isso que vamos dizer a toda a gente...

As entranhas da Aru contorceram-se. Quando, no mês anterior, começara a frequentar a Escola Augustus Day, sentira-se esperançosa. Mas isso fora sol de pouca dura.

Ao contrário dos outros alunos, ela não chegava à escola num carro grande, preto e vistoso. Não tinha uma casa no estrangeiro. Não tinha um estúdio ou um jardim de inverno, apenas um quarto, e até ela sabia que o seu quarto não passava de um armário com delírios de grandeza.

Todavia, aquilo que não lhe faltava era imaginação. Durante toda a sua vida, a Aru sonhara acordada. Todos os fins de semana, enquanto esperava que a mãe chegasse a casa, forjava uma história: a sua mãe era uma espia, uma princesa desapaosada, uma feiticeira.

A mãe alegava que não gostava de viajar em trabalho, mas que as viagens eram necessárias para manter o museu a funcionar. E quando regressava a casa e se esquecia das coisas — como os campeonatos de xadrez ou o ensaio do

coro da Aru —, não era porque não se interessasse, mas porque estava demasiado ocupada a conciliar os estados da guerra, da paz e da arte.

Assim, na Escola Augustus Day, sempre que os outros miúdos lhe faziam perguntas, a Aru inventava histórias. Iguais àquelas que contava a si própria. Falava sobre cidades que nunca tinha visitado e alimentos que nunca tinha provado. Se chegasse à escola com uns sapatos coçados, era porque o outro par havia sido enviado para Itália para ser consertado. Aprendera a fazer o delicado e condescendente arquear de sobrancelha que todos faziam e alterava deliberadamente a pronúncia dos nomes das lojas onde comprava as roupas, como a francesa *Tar-Jay*, e a alemã *Vahl-Mahrt*. Se isso não resultasse, limitava-se a fungar de desprezo e a dizer:

— Esqueçam, de qualquer maneira também não iam conhecer a marca.

E, desta forma, conseguira integrar-se.

Durante algum tempo, as mentiras pareciam ter resultado. Chegou até a ser convidada para passar um fim de semana no lago com a Poppy e a Arielle. Contudo, estragara tudo no dia em que fora apanhada a esquivar-se da fila de carros. A Arielle perguntara-lhe qual era o seu carro. A Aru apontara para o primeiro que vira e o sorriso de Arielle quase desaparecera.

— Engraçado, porque esse é o carro do meu motorista.

Naquele momento, a Arielle brindava a Aru com o mesmo sorriso de desprezo.

— Disseste que tinhas um elefante — atirou a Poppy.

A Aru apontou para o elefante de pedra atrás de si.

— E tenho!

— Disseste que tinha sido resgatado na Índia!

— Bem, a minha mãe diz que foi *recuperado* de um templo, que é uma maneira fina de dizer que foi *resgatado*...

— E juraste que tinhas uma lâmpada amaldiçoada — acrescentou a Arielle.

A Aru reparou na luz vermelha no telefone do Burton: fixa e sem piscar. Estava a filmá-la! Entrou em pânico. E se o vídeo fosse publicado na Internet? Tinha duas opções: 1) Podia esperar que o universo tivesse pena dela e permitisse que explodisse numa bola de fogo antes de regressar ao quarto; 2) Podia mudar de nome, deixar crescer a barba, e fugir do país.

Ou, para evitar totalmente aquela situação...

Podia mostrar-lhes uma coisa impossível.

— A lâmpada amaldiçoada é verdadeira — redarguiu.

— Posso prová-lo.



DOIS

Ups!

Eram quatro da tarde quando a Aru e os seus três colegas de escola entraram, juntos, na Galeria dos Deuses.

Quatro da tarde é como uma cave. Em teoria, completamente inofensiva, mas, se uma pessoa se puser a pensar no que é uma cave, perceberá que é cimento despejado sobre terra batida. Tem espaços malcheirosos e inacabados, e vigas de madeira que projetam sombras acentuadas. É uma coisa que diz *quase, mas não exatamente*. Quatro da tarde é a mesma coisa. Quase tarde, mas já não é exatamente tarde. Quase noite, mas ainda não é exatamente noite. E é típico da magia e dos pesadelos escolherem esses momentos «quase-mas-não-exatamente», e aguardarem.

— Onde está a tua mãe, mesmo? — quis saber a Poppy.

— Em França — respondeu a Aru, tentando manter o queixo levantado. — Não pude ir com ela, porque tinha de tomar conta do museu.

— Ela deve estar a mentir outra vez — argumentou o Burton.

— Está a mentir, de certeza. É a única coisa que sabe fazer como deve ser — acrescentou a Arielle.

A Aru abraçou-se. Ela sabia fazer muitas coisas, se ao menos as pessoas prestassem atenção... Era boa a memorizar factos que escutara apenas uma vez. Também era boa a jogar xadrez, ao ponto de poder ter participado no campeonato estadual; isso, se a Poppy e a Arielle não lhe tivessem dito: «Ninguém joga xadrez, Aru. Não podes fazer isso.» E, assim, a Aru deixara a equipa de xadrez. Também costumava ser boa nos testes. Mas agora, de cada vez que se sentava para fazer um exame, só conseguia pensar no quanto a escola era dispendiosa (custava uma fortuna à sua mãe), e como toda a gente a julgava pelos sapatos, que tinham estado na moda o ano anterior, mas que já não estavam naquele. A Aru *queria* que lhe prestassem atenção. Mas era notada pelas razões erradas.

— Pensei que tinhas dito que moravas num apartamento no centro, mas no registo da escola estava a morada desta espelunca — comentou a Arielle, ao mesmo tempo que fazia uma careta. — Então vives mesmo *num* museu?

Sim.

— Claro que não! Olha em volta, estás a ver o meu quarto?

É lá em cima...

— Se não vives aqui, então que fazes de pijama?

— Em Inglaterra, toda a gente anda de pijama durante o dia — esclareceu a Aru.

Talvez.

— É o que a realeza faz.

Era o que eu faria, se pertencesse à realeza.

— Como queiras, Aru.

Encontravam-se os quatro na Galeria dos Deuses. A Poppy torceu o nariz.

— Porque é que os vossos deuses têm tantas mãos?

As pontas das orelhas da Aru enrubesceram.

— É assim que eles são.

— Vocês não têm, tipo, mil deuses?

— Não sei — replicou a Aru.

E desta vez estava a dizer a verdade. A mãe explicara-lhe que os deuses hindus eram numerosos, porém não permaneciam sempre iguais. Às vezes reencarnavam — as suas almas renasciam noutra pessoa. Essa ideia agradava a Aru e era frequente imaginar quem teria sido noutra vida. Talvez aquela versão da Aru que soubesse derrotar o monstro que era o sétimo ano.

Os seus colegas de turma correram pela Galeria dos Deuses. A Poppy projetou a bacia e fletiu os pulsos de forma a imitar uma das estátuas, e desatou a rir. A Arielle apontou para as formas roliças das deusas e revirou os olhos. A Aru ferveu de raiva.

Desejou que as estátuas se estilhaçassem ali mesmo. Desejou que não estivessem tão... despidas. Que não fossem tão diferentes.

Isso fê-la pensar no ano anterior, quando a mãe a levou à festa dos melhores alunos do sexto ano, na sua antiga escola. A Aru vestira aquela que considerava ser a sua roupa mais bonita: um *salwar kameez* (uma túnica sobre umas calças largas) azul claro, decorado com minúsculos espelhos com o formato de estrelas, e bordado com milhares de fios de prata. A mãe levava um sari vermelho-escuro.

A Aru sentira-se como se estivesse num conto de fadas. Pelo menos, até terem entrado no salão do banquete e todos os olhares lhe parecerem de pena. Ou de embaraço. Uma das raparigas chegara mesmo a dizer «Ela não sabe que não estamos no Carnaval?» A Aru fingira uma dor de barriga para sair mais cedo.

— Para com isso! — ralhou ela, quando o Burton começou a mexer no tridente de Xiva.

— Porquê?

— Porque... Porque existem câmaras de vigilância! E quando a minha mãe regressar, será obrigada a informar o governo da Índia e eles virão atrás de ti.

Mentira, mentira, mentira. Mas resultou. O Burton afastou-se da estátua.

— Então, onde está essa lâmpada amaldiçoada? — indagou a Arielle.

A Aru avançou até ao fundo da exposição. A vitrina brilhou sob a luz do entardecer. No seu interior, a *diya* parecia envolta em sombras. Empoeirada e sem interesse.

— É *isso*? — perguntou a Poppy. — Parece uma coisa feita pelo meu irmão no jardim de infância.

— O museu adquiriu a Diya de Bharata depois de 1947, quando a Índia se tornou independente da Grã-Bretanha — revelou Aru, imitando a voz da mãe. — Acredita-se que a Lâmpada de Bharata se encontrava no templo de — *não pronuncies mal, por favor* — Ku-ruk-shet-ra...

— *Kuru* quê? Que nome tão estranho. E estava lá porquê? — inquiriu o Burton.

— Porque foi esse o lugar da Guerra de Mahabharata.

— A guerra do *quê?*

A Aru pigarreou e entrou em modo guia do museu.

— O *Mahabharata* é um de dois antigos poemas. Foi escrito em sânscrito, uma língua ancestral da Índia e do Nepal, que já não é falada. — A jovem fez uma pausa para criar efeito. — O *Mahabharata* conta a história de uma guerra civil entre os cinco irmãos Pandava e os seus cem primos...

— *Cem primos?* — disse a Arielle. — Isso é impossível.

A Aru ignorou-a.

— Reza a lenda que acender a Lâmpada de Bharata acorda o Adormecido, um demónio que convocará o deus Xiva, o terrível Senhor da Destruição, que dançará sobre o mundo, provocando o final do tempo.

— Uma dança? — zombou o Burton.

— Uma dança cósmica — esclareceu a Aru, para que soasse melhor.

Quando pensava em Xiva a dançar, imaginava alguém a bater os pés no céu. Imaginava rachas a aparecerem nas nuvens, como relâmpagos. O mundo a partir-se aos pedaços.

Contudo, era óbvio que os seus colegas de turma imaginavam alguém a fazer uma qualquer outra coreografia ridícula.

— Então, se acenderes a lâmpada, o mundo acaba? — indagou o Burton.

A Aru olhou para a lâmpada, como se esta pudesse contribuir com algumas palavras. Contudo, a lâmpada permaneceu calada, como é costume das lâmpadas.

— Sim.

A Arielle fez uma careta.

— Vá, acende-a. Se estás a falar a verdade, acende-a.

— Se estiver a dizer a verdade, coisa que estou, por sinal, fazes ideia do que poderia provocar?

— Não tentes escapar-te disto. Acende-a só uma vez. Desafio-te.

O Burton ergueu o telemóvel. A sua luz vermelha atormentou-a.

A Aru engoliu em seco. Se a mãe ali estivesse, arrastava-a dali para fora por uma orelha. Mas estava em casa, a preparar-se para sair — uma vez mais. Sinceramente, se a lâmpada era assim tão perigosa, então porque continuavam a deixá-la sozinha com ela? Sim, a Sherrilyn estava sempre lá. Porém, a Sherrilyn passava grande parte do tempo a ver *reality shows* na televisão.

Talvez não acontecesse nada de especial. Podia apenas acender uma pequena chama e apagá-la logo de seguida. Ou, em vez disso, talvez pudesse apenas partir a vitrina e fingir que havia sido amaldiçoada. Podia começar a andar como um zombie. Ou a gatinhar como o Homem-Aranha. Assustar-se-iam o suficiente para nunca mais falarem do sucedido.

Por favor, oh, por favor, prometo nunca mais mentir.

Repetiu aquela frase na sua cabeça ao mesmo tempo que esticava as mãos em direção à vitrina e a levantava. Assim que o vidro foi retirado, finos raios de luz vermelha atingiram a lâmpada. Se um fio de cabelo atingisse aqueles raios laser, um carro da polícia viria a toda a velocidade até ao museu.

A Poppy, a Arielle e o Burton inspiraram todos ao mesmo tempo. A Aru sentiu-se toda cheia de si. *Estão a ver? Eu bem vos disse que era importante.* Perguntou-se se poderia parar por ali. Talvez aquilo fosse suficiente. E então a Poppy inclinou-se para a frente.

— Despacha-te com isso — resmungou. — Estou entediada.

A Aru introduziu o código de segurança — a data do seu aniversário — e viu os raios vermelhos desaparecerem. O ar misturou-se com o odor da *diya*. Cheirava ao interior de um templo: a coisas queimadas e a especiarias.

— Diz a verdade, Aru — pediu a Arielle. — Se o fizeres, só tens de dar dez dólares a cada um de nós para não publicarmos o vídeo em que és apanhada numa das tuas estúpidas mentiras.

Contudo, a Aru sabia que isso não seria o fim daquela história. Entre um demónio que podia acabar com o mundo e um aluno do sétimo ano, a Aru (e talvez qualquer pessoa) escolheria o demónio sem pensar duas vezes.

Sem os raios vermelhos apontados, a lâmpada tinha um aspeto perigoso. Como se, de alguma forma, tivesse percebido que havia menos uma barreira. A Aru sentiu um arrepio na espinha e os seus dedos ficaram dormentes. O pequeno prato de metal no meio assemelhava-se muito a um olho. A olhar fixamente para ela.

— Eu não... eu não tenho um fósforo — declarou a jovem, ao mesmo tempo que recuava um passo.

— Eu tenho. — A Poppy estendeu-lhe um isqueiro verde. — Tirei-o do carro do meu irmão.

A Aru pegou no isqueiro. Girou a roda de metal e apareceu uma pequena chama. Susteve a respiração. *Acendo e apago logo*. Depois podia pôr em marcha o Plano Aru Melodramática e sair daquela embrulhada e *nunca, nunca mais* mentir.

Quando aproximou a chama da lâmpada, a Galeria dos Deuses escureceu, como se alguém tivesse tapado toda a luz natural. A Poppy e a Arielle aproximaram-se. O Burton também tentou chegar mais perto, mas a Poppy afastou-o.

— *Aru...*

Uma voz parecia chamar por ela, oriunda do *interior* da lâmpada de argila.

Por pouco não deixou cair o isqueiro, contudo a sua mão apertou-o mesmo a tempo. Não era capaz de desviar o olhar da lâmpada. Esta parecia obrigá-la a aproximar-se mais e mais.

— *Aru, Aru, Aru...*

— Acende isso de uma vez, Shah! — gritou a Arielle.

Pelo canto do olho, viu a luz vermelha do telemóvel do Burton piscar, o que prometia um ano horrível, com salada de couve e cenoura da cantina no cacifo e a expressão de decepção da sua mãe. Mas talvez se fizesse aquilo, se por um golpe de sorte conseguisse enganar a Arielle, a Poppy e o Burton, talvez a deixassem almoçar ao lado deles. Talvez não tivesse de se esconder atrás das suas histórias, porque a sua vida seria finalmente *suficiente*.

Por isso, fê-lo.

Aproximou a chama do lábio da *diya*.

Quando os seus dedos tocaram na argila, ocorreu-lhe um estranho pensamento. Recordou-se de ter visto um

documentário na televisão sobre criaturas das profundezas marinhas. Algumas usavam isco, uma esfera reluzente, para atrair as presas. No instante em que um peixe se atrevia a nadar em direção à pequena luz que flutuava na água, a criatura marinha apanhava-o com a sua enorme bocarra. Era assim que a lâmpada se sentia: um pequeno halo de luminosidade agarrado a um monstro que se escondia nas sombras...

Um isco.

No instante em que a chama se acendeu, uma luz explodiu atrás dos olhos da Aru. Uma sombra desenrolou-se do interior da lâmpada, a coluna arqueando e depois esticando-se. Fez um barulho horrível — seria aquilo uma risada? Não era capaz de tirar aquele som da cabeça. Colarase aos seus pensamentos como um resíduo oleaginoso. Era como se todo o silêncio tivesse sido raspado e atirado para outro lado.

A Aru recuou, aos tropeções, ao mesmo tempo que a coisa feita de sombras saiu da lâmpada. O pânico cravou-se nos seus ossos. Tentou apagar a lâmpada, mas a chama recusou-se a desaparecer. Lentamente, a sombra transformou-se num pesadelo. Era alto e com forma de aranha, tinha chifres, presas e pelo.

— *Oh, Aru, Aru, Aru... que foste fazer?*

TRÊS

Acorda

A Aru acordou no chão. As luzes tremelicavam. Havia um cheiro estranho na sala, como se alguma coisa estivesse enferrujada. Elevou-se nos cotovelos, os seus olhos procurando a lâmpada. Mas esta tinha *desaparecido*. Se não fosse pelos vidros partidos, não haveria sequer rasto de que ela ali estivera. A Aru esticou o pescoço para olhar para trás...

Todas as estátuas a olhavam.

Sentiu um calafrio.

— Poppy? — chamou ao mesmo tempo que se levantava.
— Arielle? Burton?

Foi nessa altura que os viu.

Estavam os três ainda encostados uns aos outros. Pareciam fazer parte de um filme que alguém parara no meio de uma cena de luta. A mão da Poppy encontrava-se no peito do Burton. Ele estava apoiado nos calcanhares, tombando para trás, prestes a cair. A Arielle tinha os olhos fechados e a boca aberta num grito silencioso. Estavam suspensos no tempo. A Aru esticou a mão e tocou-lhes. Tinham a pele quente e o coração pulsava. Mas não se moviam. Não *conseguiam* mover-se.

Que teria acontecido?

O seu olhar desviou-se para a luz vermelha no bolso do Burton. O telemóvel. Talvez pudesse apagar a gravação. Infelizmente, o telemóvel não saía do bolso. Estava tudo congelado. Exceto ela.

Aquilo era um sonho. Só podia ser. Beliscou-se para ter a certeza.

— Au! — exclamou, encolhendo-se.

Estava definitivamente acordada. E, de certa maneira, também os seus colegas de turma. Mas como podia estar tudo tão... imóvel? Um rangido ecoou do lado de fora da Galeria dos Deuses. A Aru endireitou as costas. Parecia uma porta.

— Mãe? — sussurrou, saindo a correr. A sua mãe deve ter ouvido o ruído e descido as escadas. Ela saberia o que fazer.

Na entrada da Galeria dos Deuses, a Aru viu três coisas que não faziam sentido:

1. A mãe também estava congelada, ambos os pés no ar, como se tivesse sido apanhada a meio da corrida. O cabelo preto nem sequer lhe aterrara nas costas. Tinha os olhos e a boca escancarados, em pânico.
2. Toda a sala tinha um aspeto estranho, apagado, sem luz. Porque *nada* tinha sombra.
3. O rangido não viera de uma porta. Viera do elefante.

Algures entre o espanto e o terror, a Aru observou, enquanto o elefante de pedra, que havia passado décadas

de pé no museu, de repente se afundava no chão. Elevou a tromba — a mesma tromba que a Aru usava como cabide para a sua mochila — e encostou-a à testa. Num movimento ágil, a mandíbula moveu-se com um rangido.

Aterrorizada, a Aru correu para a mãe. Alcançou-lhe a mão, tentando puxá-la.

— Mãe! O elefante está possuído. Precisas *mesmo* de acordar!

A mãe não se mexeu. A Aru seguiu-lhe o olhar. No momento em que fora congelada, ela olhava diretamente para a Galeria dos Deuses.

— Mãe?

Uma voz ressoou do espaço vazio no interior do elefante. Era uma voz profunda, áspera e seca. A Aru encolheu-se toda.

— QUEM SE ATREVEU A ACENDER A LÂMPADA?
— perguntou a voz. Era sombria como uma tempestade. A Aru pensou que, a qualquer instante, podiam sair relâmpagos da boca do elefante, coisa que, noutras circunstâncias, teria sido bem fixe. — QUEM SE ATREVEU A ACORDAR O ADORMECIDO DO SEU SONO?

A Aru estremeceu.

— Fui... fui eu... mas foi sem querer!

— MENTES, GUERREIRO! E, POR CAUSA DISSO, EU FUI INVOCADO.

Da boca do elefante saiu o som de asas a bater. A Aru engoliu em seco.

Era o fim, tinha a certeza. Os pássaros comeriam pessoas? O mais provável era isso depender do tamanho

do pássaro. Ou do tamanho da pessoa. Não desejando testar a ideia, tentou esconder o rosto ao lado do corpo da mãe, mas não foi capaz de se encaixar por baixo do braço rígido. Os sons oriundos do elefante foram ficando cada vez mais audíveis. Uma sombra estendeu-se pelo chão. Enorme e alada.

O que quer que estivesse a falar, voou para fora da boca do elefante.

Era...

Um pombo.

— *Blhecl*! — exclamou a Aru.

A mãe sempre lhe dissera que os pombos eram «ratos com asas».

— Onde está ele? — quis saber o pombo. — Um dos cinco antigos guerreiros acendeu a Lâmpada de Bharata...

A Aru inclinou a cabeça e uma pergunta escapou-se da sua boca antes de a conseguir fechar.

— Porque é que a tua voz soa diferente?

Dentro do elefante, o pássaro soara como se pudesse convencer uma montanha a transformar-se num vulcão. Agora, soava como o seu professor de Matemática no dia em que tentara cantar à capela, mas pisara uma peça de Lego. Durante o resto do dia, falara com uma voz ansiosa e aborrecida.

O pombo encheu o peito e projetou-o para a frente.

— Há algum problema com a minha voz, rapariga humana?

— Não, mas...

— Não pareço um pássaro capaz de provocar grande devastação?

— Quer dizer...

— Ficas já a saber que muitas são as cidades que proferem injúrias contra mim. Dizem o meu nome como se fosse uma maldição.

— E isso é uma coisa boa?

— É uma coisa poderosa — fungou o pássaro. — E entre o bem e o poder, escolho sempre o último.

— E é por isso que és um pombo?

Poderia um pássaro semicerrar os olhos? Caso não pudesse, aquele aprendera a dar essa impressão.

— Acenderam a lâmpada. O Adormecido não demorará a acordar. É meu dever sagrado guiar o irmão Pandava que a acendeu.

— *Pandava?* — repetiu a Aru.

Conhecia o nome. Era o apelido dos cinco irmãos do poema *Mahabharata*. A mãe explicara-lhe que cada um deles detinha grandes poderes e podia brandir armas fantásticas, pois eram filhos de deuses. *Heróis*. Mas que tinha isso que ver com a Lâmpada? Teria batido com a cabeça e não se dera conta? Apalpou o escalpe à procura de um galo.

— Sim. Pandava — disse o pombo com um sorriso sarcástico. Voltou a inchar o peito. — Apenas um dos cinco irmãos Pandava poderia acender a lâmpada. Sabes para onde ele foi, rapariga humana?

A Aru levantou o queixo.

— Fui *eu* que acendi a lâmpada.

O pássaro fitou-a. E depois mirou-a durante mais alguns segundos.

— Bem, então, mais vale deixarmos o mundo acabar.



QUATRO

I-nép-ci-a

A Aru lera algures que se uma pessoa olhasse fixamente para um chimpanzé, este olhava de volta, sorria... e depois atacava.

Desconhecia as consequências de olhar para um pombo.

Contudo, sabia que os olhares eram coisas poderosas. A mãe costumava contar-lhe histórias de Gandhari, uma rainha que escolhera viver de olhos vendados por empatia com o marido, que era cego. Retirara a venda apenas *uma vez*: para olhar para o filho mais velho. O seu olhar era tão poderoso que poderia tê-lo tornado invencível — se estivesse nu. Mas não, sentira-se demasiado inibido para se mostrar sem roupa interior. Ficou muito forte, é um facto, mas não tão forte como poderia ter sido. (A Aru compreendia-o. Devia ter sido um momento bastante embaraçoso.)

Assim, a Aru manteve o contacto visual com o pombo... mas deu um passo atrás.

Por fim, o pássaro cedeu. Tombou a cabeça e encolheu as asas.

— Os últimos Pandava dormentes eram tão talentosos! — afirmou, abanando a cabeça. — O último Arjuna era um senador. O último Yudhistira era um juiz famoso.

O último Bhima era um atleta olímpico, e o Nakula e o Sahadeva eram modelos masculinos famosos que escreveram excelentes livros de autoajuda e inauguraram os primeiros estúdios de *hot yoga* do todo o mundo! E agora, olha só onde a linhagem descambou: numa criança. Era o que faltava.

A Aru não considerava aquela afirmação muito justa. Até as pessoas mais famosas tinham começado por ser crianças. Os juízes não nasciam de peruca e martelinho.

E isso levava a outra pergunta: o pássaro estava a falar de quê? Todos aqueles nomes — Arjuna, Yudhistira, Bhima, Nakula e Sahadeva — pertenciam aos cinco irmãos Pandava mais conhecidos. Havia outro — Karna —, o Pandava secreto. Nas histórias, até a guerra começar, os cinco Pandava nem sequer sabiam que ele era seu irmão.

E porque tinha o pássaro dito *dormentes*? Isso não significava adormecidos?

O pombo deixou-se cair de costas e, num gesto dramático, estendeu uma asa sobre o bico.

— Então é esta a minha sina — gemeu. — Eu estava a *progredir*. Era o melhor da minha turma, sabias? — Fungou de irritação.

— *Hum...* desculpa?

— Oh, sim, isso serve-me de muito! — O pombo recolheu a asa e encarou-a. — Devias ter pensado nisso antes de nos meteres nesta alhada! Olha só para ti... Que horror. — Tapou a cabeça com ambas as asas e murmurou para si próprio. — Porque é que todas as gerações têm de ter os seus heróis?

— Espera lá. Queres dizer que cada geração teve cinco irmãos Pandava? — perguntou a Aru.

— Infelizmente — disse o pássaro, afastando as asas.

— E eu sou um deles?

— Por favor, não me obrigues a dizê-lo mais uma vez.

— Mas... como podes ter a certeza?

— *Porque acendeste a lâmpada!*

A Aru calou-se. Era verdade que *tinha* acendido a lâmpada. Encostara a chama ao bico metálico do objeto. Mas o isqueiro pertencia ao irmão da Poppy. Isso era relevante? E planeara acendê-la apenas por um segundo, não *mantê-la* acesa. Isso tornava-a menos heroica?

— Estou razoavelmente seguro de que és uma Pandava — continuou o pássaro. — Bastante seguro. Pelo menos, não vou dizer que não és. Caso contrário, o que estaria eu *aqui* a fazer? E nesse sentido, *porque* estou aqui? O que significa ter de usar este maldito corpo? — Olhou para o teto. — Quem sou eu?

— Eu...

— Ah, esquece — disse o pássaro com um suspiro resignado. — Se tu acendeste a lâmpada amaldiçoada, o outro saberá.

— Quem...?

— Teremos de atravessar a Porta da Multitude. Ela sabe sempre. Além disso, é bem mais fácil do que utilizar o *Google Maps*. A engenhoca mais confusa deste século.

— És um pássaro! Não devias *saber* para onde vais?

— Não sou um *pássaro* qualquer, sua heroína presunçosa. Sou... — começou por dizer, mas depois calou-se.

— Creio que não importa quem seja. O que importa é acabarmos com isto, antes que ocorra alguma coisa verdadeiramente devastadora. Durante os próximos nove dias, o Tempo congelará por onde o Adormecido passar. No décimo dia, o Adormecido alcançará o Deus da Destruição, e Xiva fará a dança que resultará no fim do Tempo.

— E o Deus da Destruição não pode simplesmente dizer, «não, obrigado»?

— Não percebes nada de deuses — argumentou o pombo.

A Aru parou para pensar. Não a chocava a existência de deuses e de deusas, apenas a possibilidade de uma pessoa os conhecer. Eles eram como a Lua: distante o suficiente para não pensar nela com muita frequência e brilhante o suficiente para inspirar admiração.

A jovem olhou uma vez mais para a mãe e para os colegas de escola congelados.

— Então, eles vão ficar assim imóveis?

— É temporário — replicou o pássaro. — Desde que não sejas tomada por uma total inépcia.

— *I-nép-ci-a?* Isso é francês?

O pássaro bateu com a cabeça contra um corrimão de madeira.

— O universo tem um sentido de humor muito cruel — gemeu. — *Tu* és uma das poucas pessoas que podem consertar o que foi feito. Se bem que também foste tu que deste início a tudo. Portanto, tu e o outro devem ser heróis.

Isso não soava lá muito heroico. Soava apenas como uma embrulhada épica que necessitava de uma limpeza épica. A Aru deixou cair os ombros.

— Que queres dizer com «o outro»?

— O teu irmão, claro! Achavas que podias partir nesta missão sozinha? As missões exigem famílias — esclareceu o pássaro. — O teu irmão, ou talvez irmã, embora isso nunca tenha acontecido, estará à tua espera. Quando um Pandava acorda, o mesmo acontece a outro, habitualmente aquele que está melhor apetrechado para lidar com os desafios que terão pela frente. Até agora, os Pandava têm sempre aparecido como adultos, não como amontoados de hormonas e incompetência.

— Obrigada.

— Vamos, miúda.

— Quem és tu?

A Aru não ia dar nem mais um passo sem algum tipo de verificação, mas duvidava que o pássaro tivesse bilhete de identidade.

O pombo parou e depois disse:

— Embora um nome tão ilustre não devesse ser pronunciado por uma criança, podes chamar-me Subala. — Arranjou as penas com o bico. — Eu sou... Quero dizer, bem, eu *fui*... É uma longa história. O que importa é que estou aqui para ajudar.

— E porque haveria eu de ir contigo?

— Criança ingrata! Não tens o menor sentido de *dharma*? Esta é a tua missão! O congelamento vai continuar a espalhar-se como uma doença, assim que o Adormecido acordar. Se ele não for combatido até à lua nova, a tua mãe ficará assim para sempre. É isso que desejas?

A Aru sentiu as bochechas a ficarem quentes. Claro que não era isso que desejava. Mas também sentia como se o

mundo tivesse começado a girar ao contrário e ela ainda estivesse a tentar equilibrar-se.

— Chamas-te Subala? Tantas sílabas — comentou a Aru, o medo infiltrando-se no seu coração. — E se precisar de ajuda e tiver de te chamar? Posso perder um braço ou uma perna no tempo que levo a pronunciar o teu nome. Vou chamar-te Sue.

— Sue é nome de rapariga. Eu sou um macho.

A Aru, que muitas vezes era obrigada a ouvir a seleção de músicas do Johnny Cash feita pela Sherrilyn, não concordava com o Subala.

— Não, não é. De certeza que conheces a canção *Boy Named Sue*. Sabes, o pai dele saiu de casa quando ele tinha 3 anos...

— Poupa-me à vileza da música *country* — bufou o Subala, voando para a boca do elefante.

Bem, se não queria que lhe chamasse Sue, que tal...

— Bu! — gritou a Aru.

O Subala virou a cabeça, deu-se conta do que tinha acabado de fazer e disse um palavrão. Empoleirou-se na tromba do elefante.

— Podes ter ganhado esta batalha, mas se fosse a ti apressava-me a tirar esse sorriso presunçoso da cara. As tuas ações desencadearam consequências graves, minha menina. Como Pandava desta geração, é teu dever responder ao chamamento da missão. A última vez que isto aconteceu foi há mais de 800 anos. Mas tenho a certeza de que a tua mãe te contou. — O Bu fitou-a. — Ela *contou-te*, não contou?

A Aru ficou em silêncio enquanto recordava as coisas que a mãe lhe havia contado ao longo dos anos. Eram pequenas coisas que em nada ajudariam as pessoas congeladas naquela sala: que a dança dos estorninhos pelos céus tinha o nome de *murmuração*; que havia contos escondidos no interior de outros contos; e que, quando se fazia o *chai*, deviam sempre deixar-se as folhas de hortelã para último.

Porém, ela nunca referira nenhuma missão. Nunca mencionara que a Aru era um Pandava. Ou como chegara a essa situação.

E, obviamente, nunca lhe dissera como devia agir caso desencadeasse, sem querer, o fim do universo.

Talvez a sua mãe pensasse que a Aru não seria boa nessas coisas.

Talvez não desejasse criar expectativas, levando a filha a acreditar que era capaz de fazer coisas heroicas.

Desta vez, a Aru não podia mentir. Não era o tipo de situação da qual pudesse safar-se com conversa e, como num truque de magia, tudo ficaria bem.

— Não — respondeu, obrigando-se a encarar o olhar do Bu.

Contudo, aquilo que viu obrigou-a a cerrar as mãos em punhos. O pombo estava a fazer aquela coisa de semicerar os olhos. Mirava-a como se ela não fosse grande coisa... E isso estava errado.

Ela possuía o sangue — ou pelo menos a alma — de um herói. (Ou qualquer coisa do género. Não tinha muitas certezas relativamente à mecânica da reencarnação.)

— Posso não saber — declarou. — Mas posso aprender. O Bu inclinou a cabeça para o lado.

As mentiras borbulharam na garganta da Aru. Palavras reconfortantes. Palavras enganosas, mas não forçosamente más:

— O meu professor disse que eu era um génio — exclamou.

Não revelou que o professor de Educação Física não o dissera como um elogio. A Aru fixara um tempo «recorde» — para ela —, demorando 14 minutos a dar uma volta à pista. Quando voltaram a correr para quebrar os seus recordes anteriores, ela ignorara a pista por completo e limitara-se a atravessar o campo em direção à meta. O professor fitara-a com o sobrolho franzido e dissera, «Deves pensar que és um génio, não?»

— E tenho sempre as melhores notas — disse ao pombo.

No sentido em que tinha as melhores dos piores.

Quanto mais argumentava — ainda que fossem apenas meias verdades —, melhor se sentia. As palavras eram poderosas.

— Excelente. Todos os meus receios desapareceram — comentou o Bu num tom seco. — Agora vamos. Estamos a perder tempo!

O pássaro arrulhou e a boca do elefante escancarou-se até atingir a dimensão de uma porta, a mandíbula inferior tocando no chão. Uma brisa oriunda de outras paragens atingiu-a, misturando-se com o ar abafado do museu.

Um passo em frente e estaria a afastar-se de Atlanta... Entraria num mundo completamente diferente. Sentiu uma onda de animação, seguida por uma dolorosa pontada

de culpa. Se não fosse capaz de resolver aquela embrulhada, a sua mãe iria acabar como todas as peças daquele museu: uma relíquia empoeirada. A Aru raspou os dedos contra a mão rígida da sua mãe.

— Vou resolver isto — disse. — Prometo.

— É bom que sim! — retorquiu o Bu do seu poleiro na tromba do elefante.

**Embarca nesta aventura mágica e inesquecível!
Depois de começares a ler, não vais descansar
até chegares ao fim... do tempo!**

A Aru Shah não vive num condomínio de luxo, não usa roupas desenhadas por criadores famosos e a sua mãe não é uma agente secreta. Mas, todos os dias, a Aru Shah repete estas mentiras vezes e vezes sem conta. Sim, a Aru Shah mente.

Contudo, quando é obrigada a provar que a lâmpada de Bharata, do Museu de Arte e Cultura Indianas, está amaldiçoada, tem o azar de esta ser a única das suas mentiras que é... verdade.

Ao acender a lâmpada, a Aru acorda o Adormecido, o temível demónio que tem como objetivo trazer à vida o Deus da Destruição. Agora, só a Aru Shah poderá salvar o mundo. Mas, para isso, ela precisa de encontrar as reencarnações dos irmãos Pandava e viajar pelo assustador Templo da Morte.

**«Um livro impressionante sobre
o poder da linguagem e das histórias.»**

Kirkus

 <p>livros que saltam à vista</p> <p>20 20 editora</p>	<p>ISBN 978-989-707-969-6</p> <p>10+</p>  <p>9 789897 079696</p> <p>Literatura Juvenil</p>
---	---